

## LUIZA ROMÃO, 30

Paulista de Ribeirão Preto, Luiza escreveu o livro de poesias *Também Guardamos Pedras Aqui* (editora Noz), que recebeu o principal prêmio literário do Brasil, entre 4.290 obras inscritas: o Jabuti, de Livro do Ano (a conquista rendeu R\$ 100 mil). Ela recebeu a notícia em Madri, onde estuda interpretação para cinema. “Na noite do prêmio, via a transmissão pelo celular. Era madrugada quando saiu o resultado. Estava sozinha em meu quarto e as três pessoas com quem divido apartamento dormiam – comorei sem acordar ninguém. Chorei muito, não só no momento do anúncio do resultado, mas principalmente com as fotos e mensagens das amigas, amigos e amigues que estavam no Brasil. Sem dúvida, foi, ou melhor, está sendo dos momentos mais emocionantes da minha vida.” Mais velha entre quatro irmãos (Chico, Caetano e Bethania) e filha de professores, Luiza cresceu estimulada a ler, escrever, dançar, encenar. “Aos 9 anos, escrevi uma série de poemas, imprimi e saí para vender na escola. Amava as histórias seriadas, como Harry Potter e a coleção Vagalume.” Aos 17 anos, trocou o interior pela capital para estudar artes cênicas na ECA/USP. Voltou a escrever em 2013, após conhecer os slams (batalhas de poesias autorais) e saraus. Foi ali que se descobriu poeta e conheceu os nomes que se tornariam suas referências na literatura nacional. Alguns nomes são Emerson Alcalde, Mel Duarte e Daniel Minchoni. Entre suas predileções estrangeiras, ela cita o trio: Bertolt Brecht, Elena Ferrante e Gloria Anzaldúa. Luiza também escreveu os livros *Sangria*, *Coquetel Molotove* e *Nadine*. Para o futuro, deseja apresentar o espetáculo *Garotas Mortas* (baseado em obra de *Selva Almada*) e assistir aos jogos do Palmeiras, na Rua Caraíbas.



## LUÍZA FÁZIO, 28

Paulista de Santos, Luíza escreveu os roteiros de duas das séries de maior sucesso da Netflix Brasil, *Sintonia* e *Cidade Invisível*. Em 2022, foi selecionada para a residência literária International Writing Program, da Universidade de Iowa. Lésbica, Luíza teve a infância marcada pela proximidade do mar e por uma máquina de escrever – desde os 5 anos, escrevia pequenas histórias nela. “Vivi uma infância feliz, mas, como filha única, tive momentos de solidão. Quando me via sem ninguém para brincar, inventava histórias na minha cabeça. Minha criatividade se provou infinita.” Aos 13 anos, começou a jogar RPG no Orkut com amigas. “Virávamos madrugadas pensando em personagens, tramas, conflitos. O que fazíamos no Orkut era uma espécie de sala de roteiro.” Saiu do litoral aos 16 anos e fez jornalismo na capital, na Cásper Líbero. A entrada no audiovisual aconteceu como assistente na LB Entertainment. “Eles estavam prestes a começar a sala de roteiro de *Samantha!*, para a Netflix Brasil. Os roteiros deveriam ser traduzidos para o inglês. Pedi para ser a tradutora desde que pudesse estar na sala de roteiro. A partir dali, me apaixonei por esse mundo e as portas foram se abrindo”, diz Luíza, que aponta as seguintes produções como favoritas: *Buffy the Vampire Slayer*; a novela *Roque Santeiro*; e as séries *Twin Peaks*, *Orange is the New Black* e *SKAM*.



## CAROL ITO, 30

“Minha grande conquista em 2022 foi receber o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria Arte, pela reportagem em quadrinhos *Três Mulheres da Craco*, publicada na revista Piauí. Neste trabalho, falei com três mulheres cis e trans que vivem na Cracolândia para entender como elas enfrentaram a pandemia”, conta a paulista de Marília, de ascendência japonesa, italiana e espanhola. “A paixão por desenho nasceu aos 10 anos, com os mangás. Com o tempo, senti a necessidade de criar personagens e histórias. Criei um blog em 2014 para postar tirinhas e cartuns. Nessa época, vivi minha primeira crise depressiva e o desenho me ajudou a preencher as noites de insônia. Minhas primeiras tiras tinham personagens em forma de salsicha – era uma homenagem à minha paixão pelas salsichas em conserva dos botecos do interior (risos). Depois, passei a fazer mais quadrinhos autobiográficos.” Carol vive em São Paulo desde 2016 graças ao mestrado em ciência da informação na ECA/USP. Ela mora com Bob Marley, um vira-lata caramelo e simpático. Em 2020, iniciou a série *Quarentiras*, no Instagram da revista Tpm. A meta de 2023 é lançar dois livros: *Siriricas Tristes* e *Outras (In)Felicidades* e um HQ (ainda sem título) sobre depressão, ansiedade e positividade tóxica.



FOTO MARCEL COPOLA

## ELIAN ALMEIDA, 28

“Não cresci cercado por catálogos do Hélio Oiticica e Lygia Clark. Fui pela primeira vez a um museu porque fui escolhido o melhor aluno da turma por boas notas e bom comportamento, e ganhei o passeio”, recorda o artista que cresceu em Duque de Caxias (RJ), torcedor do Flamengo que sonhava em ser jogador de futebol e hoje se divide entre os ateliês de Paris e Ipanema (RJ). “Cresci em um território onde vi a violência de perto, escutei muito tiro, perdi amigos para o tráfico. Nunca passei fome, mas houve momentos de falta.” Filho de um pastor e de uma doméstica, Elian ficou no Rio até os 24 anos, quando partiu à França em um intercâmbio da Universidade Sorbonne. “Minha primeira exposição individual foi 2021 e, em um intervalo curto de tempo, muita coisa aconteceu na minha carreira, com exposições em grandes museus brasileiros e no mundo. Em 2022, fiz uma capa para a Vogue Brasil que é considerada histórica – e a obra foi parar no Instituto Inhotim (MG).” Para 2023, sua grande expectativa é a mostra individual que fará na galeria Nara Roesler, em São Paulo.



FOTO ANNA CEBEY

## PAULA SIEBRA, 24

“Sempre quis ser pintora. Me lembro de já pensar nisso desde muito pequena. Quem me fez pintora foi minha mãe, que me fez acreditar que as minhas garatujas eram extraordinárias”, diz a artista nascida em Fortaleza (CE), representada pela galeria Mendes Wood desde 2021. “Eu tinha uma prima, Milla, que fazia algumas abstrações e mantinha um ateliê na Praça das Flores. Ao visitá-la, ficava encantada e aquilo se tornava um mundo.” 2022 foi especial para Paula. “Pela primeira vez, expus na minha cidade e estabeleci uma relação imensamente gratificante com artistas que admiro, em especial os silicogravadores de Majorlândia. Quando não está trabalhando, ela gosta de: “ler, ler, ler; cozinhar; ouvir Simon & Garfunkel; escrever meu diário; fazer pequenos arranjos de flores; assistir a *The Office*; ir à praia e andar a pé.” Suas exposições individuais: Ternura (Rio de Janeiro, 2019); Arrebalde (São Paulo, 2020); Arrebol (Nova York, 2020); Lembrança de Algum Lugar (Fortaleza, 2022); Noites de Cetim (São Paulo, 2022). Entre os artistas brasileiros favoritos: Amadeo Lorenzato, Victor Brecheret e Fulvio Pennacchi. Entre os estrangeiros: Félix Vallotton, Édouard Vuillard e Rinjiro Hasegawa.



FOTO ANIE BARRETO

## EDUARDA LIBMAN, 17

Tinta acrílica e milhares de parafusos. Com esses elementos, a artista paulistana faz retratos que criam uma ilusão de ótica conforme o observador se move. O estilo da obra é resultado de uma extensa pesquisa de materiais feita por Duda a partir de um trabalho proposto pela escola Avenues (ela se forma no ensino médio em junho de 2023). Cada quadro leva de mil a 5 mil parafusos, e demora semanas para ficar pronto. Duda se destacou nas duas edições da SP-Arte em 2022. Em junho, na individual Alvorecer, na galeria Casa Rosa Amarela, expôs 23 retratos – e vendeu todos na faixa de R\$ 6 mil a R\$ 8 mil. “Sabia que seguiria uma profissão que permitisse a liberdade de criar. Quando eu era menor, me aventurava na cozinha e adorava servir as minhas receitas. Depois, comecei a me interessar por costura, criando e costurando modelos – por um bom tempo, achei que meu caminho seria a moda. Aos 9 anos, comecei a desenhar.” Entre seus artistas favoritos: Adriana Varejão, Panmela Castro, Dalton Paula, Lynette Yiadom-Boakye, Chuck Close, Alice Neel, Lucian Freud, Anselm Kiefer.



APRESENTADA POR

JOHNNIE WALKER

APRECIE COM MODERAÇÃO. NÃO COMPARTILHE COM MENORES DE 18 ANOS.

PATROCÍNIO

SingularityU  
Reserva  
ânima

## TACIANA PEREIRA, 28

Então estudante de bioengenharia em Harvard, a curitibana Taciana Pereira recebeu aplausos e 2 milhões de visualizações no Facebook quando discursou, como copresidente da Brazil Conference at Harvard & MIT de 2017, sobre a expressão “tinha que ser brasileiro”. “Quero desafiar a vocês e a mim a mudar o sentido dessa frase”, disse. “Quero ver pela primeira vez um Prêmio Nobel de um de nós. E, quando isso acontecer, eu quero ouvir no fundo: ‘tinha que ser brasileiro’.” O prêmio o Brasil ainda não ganhou. Mas Taciana avançou vários passos em sua trilha na ciência. Um dos mais recentes: levantou US\$ 15 milhões para a Systemic Bio, empresa voltada à criação de miniórgãos humanos bioimpressos. “O principal objetivo é reduzir drasticamente o tempo de descoberta e aprovação de medicamentos, além de eliminar a necessidade de utilizar animais para testes em laboratório”, diz a brasileira, que é sócia e CEO da companhia. Taciana se mudou para os Estados Unidos em 2013, para estudar em Harvard com uma bolsa de 90%. Na faculdade, atuou em pesquisas com base em imunoterapia em busca da cura do câncer – doença que acometeu seus quatro avós. Ao se formar, entrou para a startup de bioimpressão 3D Allevi e, em quatro anos, tornou-se chief scientific officer, ampliando sua participação societária. Liderou a venda da startup para a 3D Systems, pioneira em impressão 3D com rendimento anual de US\$ 600 milhões, e tornou-se vice-presidente e gerente-geral de bioimpressão da empresa compradora. Em 2022, apresentou o plano de abrir a subsidiária Systemic Bio, que tem faturamento estimado em US\$ 100 milhões em cinco anos e a ambição de trazer escala para a produção de miniórgãos.

